

A HETERONORMATIVIDADE SUSTENTADA PELA ESCOLA E OS QUE FOGEM À ELA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA.

Claudemir Carlos Almeida¹

Marcelo Cota de Freitas²

Maria Nália Fernandes da Silva³

Francisca Josenir Rodrigues Lima⁴

Resumo: A escola é um espaço que persiste na produção e reprodução dos padrões de heteronormatividade. Evidenciado, por exemplo, na hora da chamada quando os alunos mostram recusa ao nº 24, na rejeição de usar o nome social de uma estudante travesti, nas brincadeiras e nas piadas *inofensivas*, nas ameaças rotineiras, intimidações, chacotas, etc.. Diante disso, objetivo evidenciar por meio de um relato de minhas vivências no fundamental II, a efetivação da heteronormatividade do currículo escolar, nos discursos, em gestos e ações de educadores e sobre a relação de poder entre os alunos(as) no âmbito escolar. É fácil se identificar sujeito diferente da norma quando todos os outros fornecem e repetem a mesma. A primeira vez que fui rotulado de *viado* tinha 11 anos e acabara de ingressar em uma escola da zona urbana. Fiz minhas séries iniciais e F. I na zona rural e, até então, não havia sofrido com a homofobia. A partir de então, fui duramente castigado pelos meus colegas de sala e demais alunos da escola, por ser o *viado do mato*. Aos poucos, os insultos surgiam seguidos de empurrão, chute ou ameaça. Durante o intervalo, ficava boa parte do tempo refugiado na biblioteca e, muitas vezes, chegava atrasado na aula pelo fato de que eu optava por ir ao banheiro quando o intervalo acabava, para garantir que ninguém estaria por lá. Participava bastante das aulas de português, até a sétima série, quando outra professora assume a sala e, após a minha primeira participação, ela diz, com sarcasmo, a frase: *hum... parabéns querida*; a sala inteira cai na gargalhada. Era inevitável esconder a voz e o trejeito feminino. Todas essas características criavam uma imagem tida como ruim de mim, posto que fugia da identidade referência imposta: heterossexual, classe média, urbanizado. Foram poucas as pessoas que tentaram, de alguma forma, me ajudar, geralmente meninas. Nunca tive apoio dos agentes escolares e os meninos eram os principais autores das violências. Nas relações de poder que estávamos submetidos, sempre me encontrei em uma posição inferior aos demais por não ser o *macho viril*. Ao ingressar no ensino médio, tentando evitar a perseguição, decido mudar, começo a moldar muita coisa em mim, minha caligrafia foi uma delas, que era tida por muitos como *letra de mulherzinha*. A necessidade de se trabalhar sexualidade, gênero, sexo e, principalmente, direitos humanos é gritante, sobretudo, no país que mais mata LGBTQI+ e por ser a melhor alternativa para garantir que seres humanos não tenham dignidade ultrajada e negação de direitos, ou sejam silenciados por discursos e práticas legitimadas por instituições.

Palavras-chave: Heteronormatividade. Escola. Homofobia. Relato de Experiência.

1 Universidade Estadual do Ceará – UECE, Química, claudemir.almeida@aluno.uece.br

2 Universidade Estadual do Ceará – UECE, Ciências Biológicas, marcelo08cota@hotmail.com

3 Universidade Estadual do Ceará – UECE, Química, nalhya_fernandes@hotmail.com

4 Universidade Estadual do Ceará – UECE, Ciências Biológicas, josyr796@gmail.com